

Ser judeu. III
(Aspectos socio-políticos)

A nossa condição judia se manifesta por gestos, pela maneira de falarmos, por um humor específico, por determinada "forma mentis", em suma: pela maneira como estamos no mundo. Em uns o jadaísmo se manifesta mais nitidamente que em outros, mas está presente em todos. E quando procuramos disfarçar tais manifestações, quando copiamos um estar-no-mundo alheio ao jadaísmo, (quando nos comportamos em lordes ingleses, proletários russos ou quatrocentões), tal copiar é, ele próprio, manifestação do jadaísmo, e é decifrável com relativa facilidade. A nossa condição judia é dimensão da nossa condição humana, e pode ser por nos modulada de diversas maneiras, mas jamais anulada. Em tal sentido não há método pelo qual poderíamos deliberar de deixar ser judeu.

Mas toda vez que queremos definir tal dimensão nossa pelas categorias sociais disponíveis, falhamos. Certamente não somos "raça". Todos os elementos raciais do Oriente médio, da Europa e da Ásia central estão representados entre os judeus. Há entre nos semitas, caucasianos, alpinos, nórdicos, mediterrâneos, mongóis e negroides. A ideologia pela qual descendemos dos judeus palestinos de há dois mil anos peca pela ingenuidade segundo a qual as mulheres judias jamais enganaram seus maridos. E se os nossos antepassados estivessem reunidos em torno de mesa, haveria tantos camponeses russos, senhores feudais alemães, invasores tártaros e mouriscos quanto estudiosos do Talmud. Em tal sentido a "lei do retorno" é inverdade histórica, embora possa ser verdade em significado espiritual do termo "retorno".

Igualmente certo é que não somos "nação" no significado moderno do termo. O que caracteriza a nação moderna é ser ela sociedade reunida em determinado território, compartilhando de determinada língua, e organizada para determinados fins económicos de sua classe dominante. A sociedade judia não evidencia tais características, e é muito anterior às nações modernas. Historicamente somos "nação" no significado clássico do termo: sociedade supersticiosa a determinada divindade. Somos comparáveis, enquanto sociedade, à nação fenícia, lígure ou ateniense. Mas dizer isto é anacronismo: os valores que sustentavam tal tipo de sociedade não mais existem.

Melhor é o argumento segundo o qual somos, desde a emancipação dos judeus, espécie de classe concorrente da burguezia. O estado iluminista e romântico que nos emancipou abriu para os judeus campos de atividade que era do domínio da classe burgueza revolucionária e emergente. Isto explica a proeminência dos judeus nas atividades modernas, (indústria, comércio, ciência, artes), muito superior à parcela da população geral que constituem, e explica também porque o antisemitismo moderno é ideologia burgueza. Mas embora tal classificação do jadaísmo seja melhor que as outras, não é aceitá-

que é historicamente, nesse sentido mais próximo

vel. Isto porque as classes sociais estão se diluindo atualmente nos países desenvolvidos, sobretudo nos Estados Unidos, sem que haja diluição paralela do judaísmo. Se somos classe, não o somos no significado corrente do termo.

Tão pouco somos comunidade religiosa. Por certo: há algo que se chama "religião judia", embora não se trate de organização comparável as demais religiões do Ocidente. Não há, na religião judia, nem consenso quanto a determinados dogmas a serem acreditados, nem administração unificante, nem sacerdotes. Mas a razão porque não somos comunidade religiosa é outra. Se nos convertemos a outras religiões, se somos religiosamente ⁱⁿdiferentes, ou se somos ateus, continuamos sendo judeus.

É preciso admitir que nossa dimensão judia se recusa a ser definida pelas categorias disponíveis por serem tais categorias insuficientemente radicais para poderem defini-la. O nosso judaísmo é anterior, ontologicamente falando, às divisões sociais da humanidade, se dá em regiões mais profundas. Se nos judeus antes de sermos qualquer outra coisa. Esse fato, que somos obrigados a constatar sem podermos explicá-lo satisfatoriamente, e que tem poucos paralelos em outros grupos humanos, está provavelmente na raiz do conceito de "eleição dos judeus". Porque não pode haver dúvida que tal especificidade judia não é nem de ordem biológica, nem de ordem social, mas de ordem "espiritual", (termo que uso entre aspas e com profundas reservas). Se tomarmos a sério tal noção da nossa "eleição", deveríamos concluir que constituímos espécie de elite. Mas um olhar sobre a massa judia, por breve que seja, desmente todo elitismo. Em suma: é preciso admitir que a especificidade judia recusa-se a ser classificada pela razão prosaica que não há paralelo para ela na sociedade do Ocidente, a não ser, talvez, os ciganos, os quais, no entanto, e em outros aspectos são inteiramente incomparáveis conosco.

A própria profundidade ontológica da nossa dimensão judia permite, paradoxalmente, que nos engajemos em categorias sociais as mais diferentes. Como nosso judaísmo é anterior a tudo isto, espécie de fundo indefinível, todas as categorias disponíveis da sociedade nos parecem abertas. Podemos engajarmo-nos de consciência tranquila em não importa que "nação", (Disraeli, Blum, Kissinger) em não importa que classe, (Marx, Trotski, Rothschild, Hirsch, os economistas liberais americanos), em não importa que religião, (Sta. Tereza, Spinoza, Simone Weil, Sabatai Zwi). Tal engajamento é honesto, porque não implica "lealdade dividida". Disraeli é bom inglês sem deixar de ser bom judeu, porque o seu judaísmo se dá em nível diferente do seu britanismo. Sta. Tereza é boa católica, porque o seu judaísmo se dá em nível diferente do seu catolicismo. Não há conflito de consciência em tais engajamentos.

Mas o que há é um mal-estar justificado dos outros em face de tal engajamento. Quando Gladstone se engaja na britanicidade, transforme essa sua di-

mensão no proprio fundo do seu estar-no-mundo. 'E britânico dos pés até a cabeça. Disraeli tem os pé plantados no judaísmo, queira ou não queira. Quando Lenin se engaja nos servos russos, é todo o seu ser que está engajado. Trotski continua, queira ou não queira, enraizado nos cultuemas judeus. E quando Ignácio de Loyola se engaja no catolicismo, este é o fundamento de sua existência toda. Sta. Tereza está engajada no catolicismo enquanto judia. Não que Disraeli, Trotski ou Santa Tereza não estejam tão prontos a sacrificarem tudo à causa quanto o são Gladstone, Lenin ou Loyola. Eles também se engajam sem reserva. Mas do ponto de vista dos outros, sob o olhar sartriano, há diferença entre tais engajamentos.

O que acabo de dizer parece ser argumento sionista. Parece dizer que não importa ^{honesto!} quanto seja um engajamento de judeu em categorias não judias os outros perceberão, com justeza, tal engajamento com reservas. E que há apenas unica forma de engajamento aberta para judeus integros: engajamento que proclame, claramente, seu fundo judeu. Mas não creio que tal seja a unica interpretação possivel da profundidade ontologica da nossa dimensão judia. Isto seria ceder com demasiada facilidade aos argumentos antisemitas. Em outras palavras: não creio que o engajamento de Disraeli, de Trotski e de Sta. Tereza tenham sido esforços malogrados. Creio, pelo contrário, que representam uma das formas dignas do judeu engajar-se. O Reino Unido, e o mundo atual todo, não seria o que é sem Disraeli, a Revolução russa não seria o que é sem Trotski, e a Igreja não santificou Tereza por nada. Mas não é por tais argumentos pragmáticos que procuro justificar essa forma de engajamento. 'E por razão diferente.

A dimensão judia da nossa existência é tão profunda que ultrapassa as categorias com as quais dividimos a humanidade em grupos. Isto implica que é dimensão universalmente humana, embora se manifeste apenas em determinado grupo de homens. **E** este o significado no qual o judaísmo é universal, embora abranja apenas infima parêla da humanidade. 'E universalidade diferente da do catolicismo ou do marxismo, por exemplo. Estas são doutrinas que pretendem abranjer a humanidade toda e proclamam valores válidos para a humanidade toda. O judaísmo, pelo contrário, não propõe doutrina, nem propaga valores. Simplesmente existe enquanto uma das formas fundamentais possíveis para homens existirem. Não é proselitizante, e não precisa sê-lo. Vale para a humanidade toda na medida em que judeus se engajam em prol da humanidade. E é graças a tais engajamentos que o judaísmo informa, de maneira radical e sempre de novo, os destinos da humanidade toda. Creio pois que o argumento sionista pode ser invertido. 'E precisamente na medida em que os judeus se engajam, de corpo todo e de alma toda, na humanidade toda, que estão sendo judeus. E na medida em que restringem seu engajamento aos judeus, deixam de sê-lo no sentido universal do termo "judaísmo".

Dito isto, é preciso acrescentar o seguinte: A análise segundo a qual os judeus são, desde a sua emancipação, classe social, é importante. Segundo Marx, os judeus são capitalistas pela sua função na economia, e a ideologia judia é variante da ideologia burguesa. Segundo Hannah Arendt os judeus são estruturalmente os paria's da sociedade burguesa, porque se fundamentam nas instituições burguezas, e não na realidade social que as sustenta. Qualquer que seja nossa atitude perante tais análises, uma coisa parece ser clara: os judeus são marginais da sociedade. Jamais pertencem totalmente a ela. Nos termos desta palestra: por possuírem os judeus um fundo existencial inclassificável, fundo que os outros não possuem, extravazam, por esse proprio fundo, a sociedade. Por isto não há nenhuma semelhança entre antisemitismo e racismo anti-negro. O antisemita combate o judeu por causa de um "plus" que ressenete no judeu. O racista combate o negro por cause de um "minus" que crê poder discernir nele. Por certo: o "plus" no judeu, como o "minus" no negro, são problema subjetivo do racista, não do judeu ou negro. Mas isto não vem ao caso na análise que estou propondo.

O que importa é a marginalidade dos judeus. Ela os coloca em posição que lhes permite vêr a situação simultâneamente de dentro e de fora. São testemunhas, (em grego "martyres"), natos. Nada adianta chorar este facto mil vezes comprovado: é preciso aceitá-lo e utilizá-lo. Pois um engajamento de judeu em prol da humanidade em suas várias categorias é válido apenas se fôr engajamento de marginal, jamais de integrado. Isto implica que tal engajamento é necessàriamente "revolucionário", isto é: negador das estruturas dadas da sociedade. Isto é verdade obvia no caso de Trotski, mas é verdade também no caso do conservador Disraeli, que se insurge contra as "duas nações" inglesas. Em outros termos: nem todo engajamento de judeu em prol da sociedade toda é honestamente judeu. Não basta ser judeu para se ser honesto. Há engajamentos reacionários, que aceitam as estruturas dadas, e que são anti-judeus, mesmo se forem assumidos por judeus, porque negam a marginalidade judia. Com efeito: são mais anti-judeus se forem assumidos por judeus. E isto é forte argumento contra o que está acontecendo atualmente em Israel: o engajamento de Begin é muito menos judeu que o engajamento de Disraeli, por mais paradoxal que isto pareça.

Enquanto judeus ocupamos postos marginais na sociedade, embora possamos ocupar postos centrais nela por outras dimensões nossas. Essa marginalidade nossa é um "plus" que somos chamados a preservar nos nossos engajamentos, sob pena de sermos desonestos a nos mesmos. Os outros vêm essa marginalidade como espécie de desenraizamento: não estamos totalmente integrados. Mas para nos essa marginalidade é a propria raiz do nosso estar-no-mundo. É ela que nos permite sermos universais, engajarmo-nos em prol da humanidade toda sem perdermos pé no judaísmo.

* Anti-semitismo marxiano.

* raiz histórica, não dogmática